

# ECAS 2013

5<sup>th</sup> European Conference on African Studies (Lisbon)

June  
27-29



African Dynamics in a Multipolar World

ISCTE - Lisbon University Institute

## **ECAS 2013**

5<sup>th</sup> European Conference on African Studies

*African Dynamics in a Multipolar World*

©2014 Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

ISBN: 978-989-732-364-5

## ***BUG-JARGAL* DE VICTOR HUGO: AS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E SOMÁTICAS DOS ESCRAVOS DE SÃO DOMINGOS COMO LEGITIMAÇÃO DA NEGROFILIA E DO ABOLICIONISMO**

**Alberto Oliveira Pinto**

CEsA – Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento  
Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa

[Alberto.o.pinto@gmail.com](mailto:Alberto.o.pinto@gmail.com)

## **Resumo**

*Victor Hugo (Besançon, 1802 – Paris, 1885) concebeu em 1818 o romance Bug-Jargal, obra da literatura negrófila francesa cuja acção se desenrola durante a insurreição dos escravos de São Domingos, em 1791, e que narra a história do escravo Pierrot, que na realidade é o príncipe kakongo (cabindense) Bug-Jargal. Pretendemos analisar como é que neste romance, posterior em 30 anos à criação da Société des Amis des Noirs, em 1788, o jovem Victor Hugo desconstrói as fantasias abolicionistas acerca dos africanos, num conjunto de representações culturais dos escravos de São Domingos, nomeadamente os negros congos, os negros crioulos e os mulatos, estes últimos hierarquizados pelas 9 classificações somáticas propostas por Moreau de Saint-Méry (1750-1819) para a mestiçagem. Ao mesmo tempo prepara o que virá a ser a cultura colonial dos séculos XIX, XX e XXI.*

**Palavras-Chave:** Bug-Jargal; Victor Hugo; escravos; negrofilia; abolicionismo.

## **Abstract**

*Victor Hugo (Besançon, 1802 - Paris, 1885) conceived in 1818 the novel Bug-Jargal, about the slaves of Saint-Domingue in 1789 and telling the history of the slave Pierrot, which is, in the reality, the kakongo's prince Bug-Jargal. We intend to analyze how the young Victor Hugo approach in this novel, written 30 years after the creation of the Société des Amis des Noirs, in 1788, the abolitionist fancies concerning the Africans, in a set of cultural representations of the slaves of Saint-Domingue, nominated the congos blacks, the creole blacks and the mulatos, these last ones hierarchized for the 9 somatic classifications proposals by Moreau de Saint-Méry (1750-1819) for the mestization. At the same time it prepares what it will come to be the colonial culture of centuries XIX, XX and XXI.*

**Keywords:** Bug-Jargal; Victor Hugo; slaves; nigger feeling; abolitionism.

**Os tempos de *Bug-Jargal*, a hierarquização racial teorizada pelo crioulo Moreau de Saint-Méry e a amnésia dos franceses do início do século XIX sobre o pensamento colonial do Clube do Hotel Massiac e sobre a negrofilia e o abolicionismo da Société des Amis des Noirs**

Victor-Marie Hugo (Besançon, 1802 – Paris, 1885) escreveu em 1818, com 16 anos de idade e na sequência de uma aposta com amigos, a primeira versão da sua estreia em ficção, *Bug-Jargal*, romance cuja acção se desenrola durante a insurreição dos escravos da colónia francesa da ilha de São Domingos, em 1791, e que o autor viria a ampliar numa segunda versão em 1826, isto é, um ano depois de o governo francês reconhecer por decreto a independência da República de São Domingos (Haïti). Se as duas versões de *Bug-Jargal* foram redigidas durante a Monarquia Constitucional, que perdurou em França entre 1814 e 1848, o seu tempo diegético reparte-se por dois momentos que a antecedem em quase três décadas.

O primeiro é o mês de Agosto de 1791, marcado na colónia de São Domingos pela noite de dia 14, em que se realizou, numa plantação do norte da ilha e por iniciativa do escravo jamaicano Dutty Boukman (m. 1791), a cerimónia vudu de Bois-Caïman, a qual desencadearia a rebelião dos negros, consumada daí a uma semana, na noite de 22 para 23, sob a liderança dos escravos dominicanos Jean-François (m. 1805), Jeannot (?) e Georges Biassou (1741, Haïti – 1801, Florida). Meses antes, a 25 de Fevereiro, na cidade do Cabo Francês, no litoral norte, o mulato Vincent Ogé (c. 1755 – 1791) e o negro alforriado Jean-Baptiste Chavannes (c.1748 – 1791) tinham sido publicamente supliciados, juntamente com 23 dos 300 mestiços que incitaram à insurreição. Em Paris, na esteira dos acontecimentos revolucionários de 1789, prosseguiam havia dois anos os trabalhos atribulados da Assembleia Constituinte, que se concluiriam a 30 de Setembro de 1791, daí a um mês. Por esse Outono, aliás, desmembrava-se a Société des Amis des Noirs. Meses antes, a 13 de Maio, a instâncias do deputado crioulo Médéric Louis Élie Moreau de Saint-Méry (1750-1819), Robespierre e Barnave votaram o decreto constitucional que

mantinha a escravatura nas colónias. Dois dias depois, contudo, a mesma Assembleia, graças às diligências do deputado mulato Julien Raimond (1744-1801), apoiado pelo abade abolicionista Henri Grégoire (1750-1831), consagrava o direito à cidadania francesa das “pessoas de cor” nascidas livres (CÉSAIRE, 1981, p. 119-122).

O segundo período de *Bug-Jargal* prolonga-se pelos dias que antecederam e se sucederam a 18 de Maio de 1794, data em que se travou, no norte da França, a batalha de Tourcoing, a qual se saldou numa vitória dos franceses, comandados pelos generais Souham e Moreau, sobre os britânicos e os austríacos, comandados, respectivamente, por Frederick duque de York e Albany e pelo príncipe de Cobourg. A França vivia, desde 20 de Setembro de 1792, sob a hegemonia da Convenção Nacional, dominada pelos jacobinos de Robespierre (1758-1794), e em Paris respirava-se o clima do Terror.

Dos 58 capítulos – seguidos de uma nota conclusiva – que constituem a segunda versão de *Bug-Jargal*, o segundo período a que aludimos preenche os três primeiros, assim como os dois últimos, acrescidos da nota conclusiva. O cenário dos três primeiros capítulos e dos dois últimos é a tenda de campanha do capitão Léopold d’Auverney, na véspera da batalha de Tourcoing, onde este oficial francês, instado pelos seus subalternos – o tenente Henri, o ajudante-de-campo Paschal e o jovem hussardo basco Alfred –, relata ao serão, com a colaboração do fiel sargento Tadeu, as aventuras por eles vividas três anos antes na ilha de São Domingos. A insurreição dos escravos de São Domingos, em Agosto de 1791, é, portanto, apresentada em *flash-back* e ocupa a maior parte do romance.

Protótipo do herói romântico, o capitão Léopold d’Auverney tem apenas 23 anos de idade à data da batalha de Tourcoing, na qual dá a vida pela vitória dos franceses, escapando assim à morte pela guilhotina, que a Convenção, acusando-o de reaccionário, lhe reservava. Era um

militar frio e silencioso, sempre pronto a oferecer-se para as missões mais perigosas, como se desejasse ardentemente, segundo acaba por confessar, morrer fulminado pelas balas do inimigo. Sabia-se que sofrera grandes desgostos em São Domingos durante a sublevação dos escravos daquela colónia, nomeadamente a perda da esposa e da maioria dos familiares, vítimas dos massacres perpetrados pelos insurrectos. Através do seu próprio relato, ficamos a saber que este jovem, nascido em França, foi enviado para a ilha de São Domingos em 1791, aos 20 anos de idade, a fim de desposar uma prima, Marie. O pai de Marie, tio de Léopold, era um colono muito rico, cujas plantações, vizinhas do forte Galifet, ocupavam a maior parte das planícies do Acul e eram cultivadas por cerca de 800 escravos negros.

Os habitantes da ilha de São Domingos dividiam-se em três categorias: os brancos, os negros e os mestiços. A população negra, ou escrava, ascendia ao número de 450 mil indivíduos, ao passo que os mestiços – ou “homens de cor”, conforme os franceses os designavam - eram cerca de 20 mil, e os brancos à volta de 24 mil (CÉSAIRE, 1981, p. 135). Entre os brancos há que distinguir os chamados *franceses*, nascidos na metrópole, dos chamados *crioulos*, nascidos na colónia. Uns e outros eram considerados *colonos*, caso fossem proprietários de plantações de açúcar, algodão e café, ou *pequenos brancos* (*petits blancs*), se vivessem apenas do comércio ou como artesãos. Com eles podiam confundir-se alguns *sang-mêlés*, aqueles mestiços que, à semelhança dos *cabritos* na terminologia portuguesa, mais se aproximavam dos brancos em cor de pele. Os *sang-mêlés* eram, aliás, os únicos indivíduos “de cor” susceptíveis de viver como homens livres. Segundo Moreau de Saint-Méry, o número de *sang-mêlés* de São Domingos com o estatuto de homens livres ascendia, em 1780, a cerca de doze mil (CÉSAIRE, 1981, p. 34).

Quanto aos negros, eram todos escravos e também eles se dividiam em *congós*, caso tivessem nascido no continente africano onde foram capturados, e em *crioulos*, se tivessem

nascido na colónia, fruto da progenitura dos escravos expatriados e desculturados. A estes acresciam ainda os *negros marrons*, integrados no exército de Biassou (HUGO, 1977, p. 167). Embora a expressão *marron* provenha do castelhano *cimarron* – por alusão ao facto de se refugiarem nas montanhas [*cimo*] – e tenha sido aplicada, em geral, aos escravos fugitivos em qualquer região das Antilhas, na obra de Victor Hugo parece cingir-se aos jamaicanos que afluíram a São Domingos com o sacerdote vudu Boukman.

Os mestiços, divididos pelos teóricos coloniais por 9 estratos somáticos, quando viviam na condição de escravos, o que era o caso da maioria, eram considerados “negros”, embora sobre eles incidisse a designação “população de cor”. Victor Hugo classifica-os apoiando-se, conforme o explica numa nota de rodapé, na hierarquização epidérmica referente à mestiçagem teorizada pelo seu ainda contemporâneo Moreau de Saint-Méry:

“M. Moreau de Saint-Méry, aperfeiçoando o sistema de Franklin, ordenou em espécies genéricas as diferentes tonalidades que apresentam as misturas da população de cor. [...] Conjectura ele que o homem é formado por um total de cento e vinte e oito partes, brancas entre os brancos, e negras entre os negros. Partindo deste princípio, estabelece que estamos mais perto ou mais longe de uma e de outra cor quanto mais nos aproximarmos ou nos afastarmos do limite sessenta e quatro, que lhe serve de média proporcional. [...] Segundo este sistema, qualquer homem que não tenha oito partes de branco é considerado negro. [...] Progredindo desta cor para o branco, distinguem-se nove ramos principais, que por sua vez apresentam variedades entre si segundo o maior ou menor número de partes que armazenem de uma ou de outra cor. Estas nove espécies são o *sacatra*, o *griffe*, o *marabout*, o *mulâtre* [mulato], o *quarteron* [quartão], o *métis* [mestiço], o *mameluco*, o *quarteronné*, o *sang-mêlé*. [...] O *sang-mêlé*, continuando a sua união com o branco, acaba de certa maneira por se confundir com esta cor. No entanto, há quem

assegure que ele mantém sempre em alguma parte do corpo a marca indelével da sua origem” (HUGO, 1977, p. 38, nota a)<sup>1</sup>.

Ao afirmar que Moreau de Saint-Méry partiu das teorizações do norte-americano Benjamin Franklin (Boston, 1706 – Filadélfia, 1790) – e provavelmente também das do francês Georges Louis Leclerc, conde de Buffon (Monbard, 1707 – Paris, 1788) – e ao recorrer ao termo *espécie*, Victor Hugo, que no futuro se celebraria como proclamador entusiástico dos ideais do Estado-nação e da República, adere, ainda que com algumas reservas, aos postulados filosóficos que edificaram o nacionalismo pela via da simbiose dos conceitos de *raça* e *nação*. Referimo-nos particularmente ao pensamento do alemão Johann Gottfried von Herder (1749-1803) que, nos 4 volumes da sua obra *Ideias para a Filosofia da História Humana*, inaugurara, entre 1784 e 1791, a teoria dos tipos humanos, segundo a qual os indivíduos, de acordo com factores climatéricos e elementos físicos e mentais inatos, se dividiriam em categorias designadas por “raças”, as quais por sua vez se subdividiriam em “tipos” ou “espécies” imutáveis e hierarquizadas independentemente da aclimação (PINTO, 2013, p. 95-102). Todos estes argumentos – exceptuando o da imobilidade das espécies – manter-se-iam ao longo de todo o século XIX, sobrevivendo ao darwinismo, após 1859, e sendo mesmo por ele incentivados. Confeririam dignidade científica à terminologia zoomórfica introduzida no século XVI pelos portugueses, de que o adjectivo *mulato* – derivado de *mula*, o animal híbrido, infértil e degenerado – constitui o exemplo mais conhecido.

---

<sup>1</sup> A tradução da língua francesa para a portuguesa deste e de outros trechos citados de *Bug-Jargal* é da nossa exclusiva responsabilidade. Optámos por manter as designações das espécies em francês e grafadas em itálico, tal como constam do texto original, colocando entre parênteses rectos aquelas que nos parecem susceptíveis de tradução para português.

Como podemos verificar através de Buffon e de Moreau de Saint-Méry, a hierarquização somática dos indivíduos, antiga entre os portugueses mas jamais por estes devidamente teorizada, seria assaz desenvolvida pelos pensadores franceses dos séculos XVIII e XIX.

Mas quem era, afinal, Médéric Moreau de Saint-Méry e que interesses norteavam efectivamente o seu pensamento? Nascido em Fort-Royal, na Martinica, a 13 de Janeiro de 1750, tratava-se de um *crioulo*, isto é, de um filho de franceses natural de uma colónia americana. Oriundo de uma família escravagista de plantadores, foi advogado do Parlamento de Paris em 1771 e desempenhou, entre 1776 e 1778, um cargo no Conselho Superior do Cabo Francês, precisamente na colónia de São Domingos, anos durante os quais se preocupou em codificar as leis coloniais e em escrever as suas obras *Lois et Constitutions des Colonies Françaises sous le vent* e *Description de la Partie française de l'île de Saint-Domingue*, nas quais desenvolve a teoria aritmética da epiderme nas colónias, de que Victor Hugo se serviria em *Bug-Jargal*. Em 1788, a um ano da Revolução e meses depois da criação da Société des Amis des Noirs, Moreau de Saint-Méry regressa a Paris para integrar o Clube do Hotel Massiac, uma associação de plantadores brancos de São Domingos e das Pequenas Antilhas deliberadamente opositora do abolicionismo. Depois de 15 de Julho de 1789, o Clube do Hotel Massiac conseguiu fazer-se representar na Assembleia Constituinte, assim como criar assembleias provinciais nas colónias – por contraposição às coloniais na metrópole - e impedir que nelas se aplicasse a Declaração dos Direitos do Homem (1789). Moreau de Saint-Méry terá sido o principal redactor do decreto de 13 de Maio de 1791, promulgado pela Assembleia Constituinte a três meses da revolta dos escravos de São Domingos, que consagrou constitucionalmente a escravatura. Por essa época, os membros do Clube do Hotel Massiac, cerca de 70 na origem, atingiam um número de 400. O Clube do Hotel Massiac, contudo, desmembrar-se-ia a partir de 1794, na sequência da abolição



da escravatura nas colónias, por iniciativa do comissário girondino Sonthonax (1763-1813), e Moreau de Saint-Méry acabaria os seus dias em Filadélfia, cidade dos Estados Unidos da América para onde afluíu um número considerável de refugiados franceses de São Domingos.

Em 1818, em plena Monarquia Constitucional, a *Société des Amis des Noirs* e o Clube do Hotel Massic parecem ter-se apagado da memória dos franceses, pelo menos daqueles já nascidos no século XIX. Demonstra-o o jovem Victor Hugo ao confundir estas duas entidades numa nota de rodapé de *Bug-Jargal*, na qual afirma erroneamente ter sido o Clube Massic uma “associação de negrófilos” (HUGO, 1977, p. 37, nota a), quando na realidade fora uma congregação de plantadores coloniais, muitos dos quais “crioulos”, como M. Moreau de Saint-Méry, que procurava defender os seus interesses precisamente contra os negrófilos. A nota de rodapé, contudo, surge a propósito de uma afirmação da personagem tenente Henri escarnecedora da negrofilia. Ou seja, o objecto de irrisão de Victor Hugo é, afinal, o desconhecimento das culturas do Outro por parte dos negrófilos e dos abolicionistas, o qual já ao tempo sustentava as fantasias e os chavões acerca dos africanos que, a partir do último quartel do século XIX, alimentariam substancialmente os discursos coloniais e pós-coloniais.

A queda do pensamento colonial do Clube do Hotel Massiac e do abolicionismo e da negrofilia da *Société des Amis des Noirs* no esquecimento dos franceses do início do século XIX preludia, portanto, a cultura colonial das décadas subsequentes do século, assim como a do século XX e a do século XXI. Contudo, parece que Victor Hugo, apesar de ter sido um leitor atento do abade abolicionista Henri Grégoire – pelo menos da sua obra *De la Littérature des Nègres* (1808) -, adivinhava que a impostura da negrofilia e do abolicionismo mais não eram do que meios para preparar o que, no último quartel do século XIX, seria a transição da escravatura

para o indigenato nas colónias, legitimando a partilha da África pelas potências europeias, e o que, no século XX, seria convencionado pelos economistas serem os “subdesenvolvidos”.

**As “cores” da população de São Domingos em *Bug-Jargal*: o en selvajamento do *mulâtre* André Rigaud e do *sacatra* Georges Biassou; a dignidade do *petit-blanc* Jacques Belin e as pusilanimidades do negrófilo C\*\*\* e do plantador *sang-mêlé***

Na concepção do enredo de *Bug-Jargal*, Victor Hugo – na esteira de Buffon, Herder, Cuvier (1769-1832) e Moreau de Saint-Méry e antecipando-se ao seu confrade Gobineau (1816-1882) e a uma miríade de darwinistas dos séculos XIX e XX - toma como ponto de partida a ideia de que, sendo os híbridos ou mestiços indivíduos inférteis e degenerados, são consequentemente incapazes de se organizarem política e socialmente em Estado-nação.

Os principais objectos desta operação literária de en selvajamento, efectuada através da narração de Léopold d’Auverney, são duas figuras históricas, dois chefes da rebelião dos escravos de São Domingos: o *mulâtre* André Rigaud e o *sacatra* Georges Biassou. O primeiro, André Rigaud, nascido nos Cayes, no sudoeste da parte francesa de São Domingos, em 1761, filho de um oficial de justiça francês e de uma negra, é um homem livre que exerce a profissão de ourives quando, em 1791, em retaliação ao massacre dos seus congéneres Ogé e Chavannes, adere à revolta de Bois-Caïman, sublevando contra os franceses a população mestiça do sul da ilha. Em 1792 apoiará os comissários civis enviados por Paris, Sonthonax e Polverel, e acolhe-os nos Cayes em 1794, quando Port-au-Prince cai nas mãos dos britânicos, conseguindo manter o sul de São Domingos independente da Grã-Bretanha. Rodeando-se sempre de mulatos e desconfiando dos negros, envolve-se em 1799 num conflito armado com o exército de Toussaint Louverture, de que sai derrotado no ano seguinte, sendo obrigado a fugir para França (FOIX,

2007, p. 241-249). Em 1810, seis anos depois de declarada a independência do Haïti, consegue regressar à sua terra natal, e logra tornar independente a península do sudoeste que, contudo, no ano seguinte, por ocasião da sua morte, torna a ser integrada no Haïti.

No romance de Victor Hugo, cuja acção decorre em 1791, num tempo em que, aparentemente, os negros e os mulatos se encontram todos unidos e em que todos se consideram “súbditos de três reis: o rei do Congo, senhor natural de todos os negros; o rei de França, que representa os nossos pais; e o rei de Espanha, que representa as nossas mães” (HUGO, 1977, p. 174), o general Rigaud, comandante dos mulatos dos Cayes, desempenha um papel secundário, aliado ao generalíssimo Biassou, de quem é confidente e conselheiro. Intervém apenas duas vezes: uma anunciando a Biassou a chegada de um mensageiro de Jean-François, o chefe supremo – auto-intitulado *grande almirante de França* -, que vem comunicar a morte do jamaicano Boukman pelos franceses e a exposição da sua cabeça decepada em praça pública (HUGO, 1977, p. 131); outra aconselhando o mesmo Biassou a desembaraçar-se de Vavelan, o mensageiro de Jean-François, a fim de que não vá contar ao seu superior as prevaricações do generalíssimo (HUGO, 1977, p. 167). O mulato conselheiro do déspota negro é, portanto, descrito como um “homem astucioso sob a aparência de candura e cruel sob a capa de doçura [...] cuja docilidade ocultava, na realidade, a crueldade, mas que era feroz com decência, e não podia [por isso] suportar o cinismo da pilhagem” (HUGO, 1977, p. 131 e p. 162).

Quanto a Georges Biassou, é o único dos três líderes da revolução designados pela profecia de Boukman em Bois-Caïman – os outros dois são Jean-François e o malgrado Jeannot - a figurar como personagem de relevo em *Bug-Jargal* e – rivalizando apenas com o fictício Habibrah - nele se concentram todas as operações narrativas de en selvajamento do

africano, particularmente a zoomorfização, o despotismo, a ridicularização do vestuário e da alimentação e a primitivização da língua (PINTO, 2013, p. 145-155).

Homem de 50 anos de idade, mais velho 20 do que Rigaud, pois nasceu em 1741, Biassou é um *sacatra*, isto é, um daqueles mestiços que, à semelhança dos *cafusos* na terminologia portuguesa, mais se aproximam dos negros em cor de pele, falante de castelhano e de crioulo dominicano. Alia-se aos realistas espanhóis contra as autoridades revolucionárias francesas de São Domingos e será mais tarde, em 1794, traído pelo seu lugar-tenente Toussaint Louverture, que se junta à República Francesa e o obriga a refugiar-se na Florida, então integrada na colônia espanhola de Cuba, onde morrerá em 1801 (FOIX, 2007, p. 135-160). Mas em 1791, no ano em que decorre a acção de *Bug-Jargal*, Biassou é o comandante do exército dos negros do norte de São Domingos, dos portos do Limbé, do Dondon e do Acul, cujos homens, obedecendo-lhe disciplinadamente, se dirigem para sul, ao encontro dos seus congéneres de Port-au-Prince. Depois da morte de Boukman, Biassou, em desobediência às ordens do seu superior Jean-François, assume igualmente o comando dos “negros marrons ingleses”, isto é, dos jamaicanos.

Ainda antes de entrar em cena, Biassou já é enselvajado por Victor Hugo, e o seu pretenso despotismo já nos é sugerido pelo narrador. No capítulo XXV, ao ser aprisionado pelos negros do Morne-Rouge, Léopold d’Auverney nutre a esperança vã de que o chefe dos seus captores seja Bug-Jargal, que tem fama de generoso e magnânimo, por contraposição a Biassou, com reputação de cruel, torturando até à morte os prisioneiros brancos e acabando sem piedade com a vida aos seus próprios homens feridos em combate, que acusa friamente de traidores (Hugo, 1997, p. 107-109). Porém, no interior de uma gruta natural, Léopold vê-se mesmo conduzido à presença do terrível Biassou, que descreve nestes termos:

“Entre duas alas de soldados mulatos, divisei um homem de cor, sentado sobre um enorme tronco de cajueiro, que encobria metade de um tapete de penas de papagaio. Este homem pertencia à espécie dos *sacatras*, que só difere dos negros por uma nuance imperceptível. A sua roupa era ridícula. Um cinto magnífico entrançado de seda, do qual pendia uma cruz de São Luís, sustentava à altura do umbigo umas calças justas de tecido grosseiro; um casaco branco, demasiado curto para descer até à cintura, completava a sua vestimenta. Usava botas cinzentas, um chapéu redondo, adornado com um penacho vermelho, e dragonas, uma das quais era em ouro com as duas estrelas de prata dos marechais de campo, a outra de lã amarela. Duas estrelas de cobre, que pareciam ter sido rosetas de espora, haviam sido cravadas na última, sem dúvida para a tornar digna de figurar ao lado da sua brilhante companheira. Não tendo aquelas duas dragonas sido ligadas ao seu lugar natural por presilhas transversais, pendiam dos dois lados do peito do chefe. Poisados sobre o tapete de penas ao seu lado estavam um sabre e dois pistolões ricamente incrustados. [...] O chefe sacatra a cuja presença fui levado era de estatura média. A sua figura ignóbil evidenciava uma estranha mistura de subtileza e de crueldade. Mandou-me aproximar e observou-me durante algum tempo em silêncio; por fim, pôs-se a gargalhar como uma hiena” (HUGO, 1997, p. 118-119).

A zoomorfização do africano – do ainda “escravo”, que na viragem do século XIX para o século XX passaria a “indígena” e na do século XX para o século XXI a “subdesenvolvido” -, sobressaindo já nesta primeira descrição, será retomada várias vezes ao longo do texto, nomeadamente pela boca do próprio Biassou, no discurso pelo qual exorta os seus homens a que não se comportem como “os carneiros dos brancos” e sim como “as panteras e os jaguares das terras de onde eles [os brancos] nos [aos negros] arrancaram” (HUGO, 1977, p. 124-125). Tal discurso, à semelhança do que acontece com o vestuário do chefe africano, é ridicularizado. De

igual modo o é a sua alimentação, descrita durante uma refeição onde o *sacatra* não hesita em comer diante do cadáver ainda quente de um negrófilo, não faltando sequer, neste texto, aquela que viria a ser a proverbial associação da pretensa tendência dos africanos para a ingestão de bebidas alcoólicas a uma antropofagia dissimulada:

“Levaram ao *mariscal de sù magestad catolica* uma grande carapaça de tartaruga dentro da qual fumegava uma espécie de *olla podrida* [cozido], abundantemente temperada com pedaços de toucinho, onde a carne de tartaruga substituía o *carnero*, e a batata-doce as *garganzas* [grão-de-bico]. Uma enorme couve caraíba flutuava à superfície deste *puchero*. Dos dois lados da carapaça, que servia ao mesmo tempo de marmitta e de terrina, estavam duas taças de casca de coco cheias de uvas secas, de *sandias* [melancias], de inhames e de figos; era o *postre* [sobremesa]. Um pão de trigo e um odre de vinho carrascão completavam a ementa do banquete. Biassou tirou do seu bolso alguns dentes de alho e esfregou o pão com eles; depois, sem sequer mandar retirar o cadáver palpitante que jazia diante dos seus olhos, pôs-se a comer, e convidou Rigaud a fazer o mesmo. O apetite de Biassou tinha qualquer coisa de aterrorizador” (HUGO, 1977, p. 165-166).

A operação retórica de primitivização da língua falada pelos africanos encontra-se presente, quer num discurso proferido por Biassou, pejado de citações incorrectas em latim (HUGO, 1977, p. 164), quer na carta dirigida ao governador Blanchelande e à Assembleia Colonial – carta que Biassou classifica pomposamente como “peça de diplomacia negra” (sic.) e onde se reconhece, entre outras, a assinatura de Toussaint Louverture – e da qual pede em vão a Léopold d’Auverney que corrija os erros de francês (HUGO, 1977, p. 171-176). Assinale-se, aliás, que Victor Hugo vê em Biassou uma antecipação de Toussaint Louverture, enselvajando por seu intermédio o futuro Napoleão negro e atribuindo-lhe o mesmo grau de despotismo.

Victor Hugo atribui uma origem familiar a Biassou – a quem chama Jean Biassou e não Georges Biassou –, fazendo dele o filho de uma escrava – e de um homem livre, presume-se – pertencente a um *petit-blanc* do Cabo Francês, o carpinteiro Jacques Belin. Aprisionado por Biassou, o carpinteiro do Hospital dos Padres dá mostras de coragem, recusando-se a cumprimentar o seu antigo escravo, que declara haver vendido por 13 piastras a outro *petit-blanc*, um comerciante, do mesmo modo que vendera a sua mãe a um ecónomo do Hospital dos Padres por 32 libras e 6 soldos. Biassou condena Jacques Belin àquela que designa por “uma morte de carpinteiro”, ordenando aos seus homens que o coloquem sobre duas pranchas apoiadas num cavalete e lhe esquartejem o corpo com um serrote. O *petit-blanc* submete-se ao sacrifício com uma inusitada dignidade, agradecendo-o com ironia ao seu carrasco.

O mesmo, contudo, não se pode dizer de dois outros prisioneiros de Biassou. O primeiro é um indivíduo que se apresenta como cidadão C\*\*\*, por haver presidido a várias execuções revolucionárias sangrentas, e se vangloria de ser negrófilo – provavelmente um membro da *Société des Amis des Noirs* –, enumerando frequentemente um rol de nomes assaz conhecidos de outros reputados negrófilos com quem diz corresponder-se, espalhados pela França, pela Inglaterra, pela América, pela Alemanha, pela Dinamarca, pela Suécia, pela Holanda, pela Espanha e pela Itália. Victor Hugo retira esses nomes da Dedicatória do livro *De la Littérature des Nègres* (1808) do abade Henri Grégoire, uma das suas leituras de juventude a que adiante voltaremos (GRÉGOIRE, 1808, p. V-XVI).

Na noite de 22 de Agosto 1791, quando os escravos rebeldes já eram senhores do Dondon, do Terrier-Rouge, do burgo de Ouanaminte e mesmo das plantações do Limbé, o governador Blanchelande convoca para o seu palácio uma reunião de emergência na qual participam, além de M. de Rouvray, marechal de campo e um dos principais proprietários da

ilha, e de M. de Touzard, tenente-coronel do regimento do Cabo Francês, alguns membros das assembleias colonial e provincial, assim como vários colonos, entre os quais o aludido cidadão C\*\*\*. Perante as singulares declarações do velho marechal Rouvray acerca dos negrófilos,

“Os *filósofos* deram à luz os *filantropos*, que procriaram os *negrófilos*, os quais produzem os comedores de brancos, assim nomeados enquanto esperamos que se encontre para eles um nome grego ou latino. Estas ideias pretensamente liberais que inebriam a França são um veneno nos trópicos. Havia que tratar os negros com doçura, nunca apelar para uma alforria súbita. Todos os horrores a que hoje assistis em São Domingos nasceram no Clube Massiac [mais uma vez o Clube Massiac visto erroneamente como uma associação negrófila], e a insurreição dos escravos mais não é do que um contra-golpe à queda da Bastilha” (HUGO, 1977, p. 84-85),

o cidadão C\*\*\* arremessa à audiência, num oportunismo surpreendente, esta clamorosa proposta de massacre da população negra de São Domingos:

“Valem mais os suplícios do que os combates. As nações requerem exemplos terríveis: aterrorizemos os negros! Fui eu quem apaziguou as revoltas de Junho e de Julho [refere-se à revolta abortada do mulato Pinchinat], mandando plantar cinquenta cabeças de escravos dos dois lados da alameda da minha propriedade, como se fossem palmeiras. [...] Façamos um cordão de cabeças de negros que cerque a cidade, do Forte Picolet à ponta de Caracol; os seus camaradas insurrectos não ousarão aproximar-se. Temos que nos sacrificar pela causa comum em momentos como este. Serei o primeiro. Tenho quinhentos escravos não revoltados; ofereço-os” (HUGO, 1977, p. 85).

Dias depois, prisioneiro de Biassou, o cidadão C\*\*\*, enumerando mais uma vez os negrófilos com quem diz corresponder-se, prostra-se miseravelmente aos pés do chefe *sacatra*, a quem trata com subserviência por V. Excelência, e implora-lhe que o deixe vivo, oferecendo-lhe



os seus conhecimentos de economista para administrar o gado do seu povo. Biassou replica que não necessita de economistas e sim de armas e de um exército e que, no que diz respeito ao gado, quando lhe faltar o da colónia francesa, capturará o da colónia espanhola, no lado oriental da ilha. Por fim desmascara o poltrão, dizendo-lhe que o reconhece como autor dos massacres de Junho, Julho e Agosto, que plantou 50 cabeças de negros na alameda da sua propriedade, como se fossem palmeiras, e que mandou degolar os 500 escravos que lhe restavam, exibindo as suas cabeças na cidade do Cabo, de Forte Picolet à ponta de Caracol, e condena-o à morte.

O segundo prisioneiro de Biassou cuja pusilanimidade se evidencia é um plantador *sang-mêlé* que desde 15 de Maio de 1791 se indignara com a lei que conferia aos “homens de cor” os mesmos direitos políticos que aos brancos, pela simples razão de não se considerar um “homem de cor” e sim... um branco! Por essa época, num tempo em que o ódio silencioso existente entre brancos e mulatos levava a que os colonos de São Domingos ainda não receassem revoltas dos escravos mas tão-somente dos *sang-mêlé*, este jovem plantador cortejara Marie, a noiva de Léopold d’Auverney, envolvendo-se numa altercação com o jovem francês, que em retaliação o acusou de ter “sangue de escravo”. Na noite de 22 de Agosto, na reunião de colonos no palácio do governador Blanchelande, o mesmo plantador *sang-mêlé* suplicara ao governador que não fornecesse armas aos mulatos. Contudo, uma vez aprisionado por Biassou, roga ao *sacatra* que não o mate por ser, como ele, filho de uma negra e, portanto, um *mulato*. Biassou, tal como acontecera com o cidadão C\*\*\*, reprova-lhe a utilização desse termo depreciativo, *mulato*, inventado pelos brancos, mas exige-lhe uma prova do seu estatuto de mestiço. O jovem plantador apresenta como prova o facto de os brancos o desprezarem, no que é desmascarado por outro *sang-mêlé*, um homem de Biassou, que assegura que ele também desprezava os outros mestiços, havendo mesmo desafiado para um duelo Léopold d’Auverney, um branco que o acusara de

pertencer a essa “casta”. O infeliz plantador, evitando um cruzar de olhos com Léopold, que também se encontra prisioneiro, ainda tenta desesperadamente socorrer-se de um argumento naturalista, exibindo a Biassou as suas unhas, em torno das quais se evidencia um círculo negro tido como um sinal de mestiçagem. Victor Hugo, aliás, parece acreditar nessa falácia do naturalismo (futura biologia), pois enuncia-a em nota de rodapé (HUGO, 1977, p. 157, nota a).

Mas Biassou não se deixa convencer. Entrega um punhal ao *sang-mêlé* e declara-lhe peremptoriamente que o único meio de salvar a vida é apunhalar, a sangue frio e diante de todos, os dois prisioneiros brancos: o cidadão C\*\*\* e Léopold d’Auverney. Depois de hesitar horrorizado, o colono precipita-se sobre o primeiro, o cidadão C\*\*\*, com o qual se envolve numa luta terrível narrada em duas longas páginas, na qual o negrófilo acaba por sucumbir. Quando o desafortunado *sang-mêlé* se prepara para apunhalar Léopold, Biassou decide poupar a vida ao jovem francês, nomeando carrasco dos seus exércitos o ex-plantador mestiço.

### **O príncipe negro Bug-Jargal: a versão francesa da fantasia colonial do rapto da mulher branca pelo selvagem**

Quão longe dos horrores tecidos em torno dos mestiços se encontra, na ficção de Victor Hugo, o príncipe negro Bug-Jargal!

Victor Hugo concebe a personagem Bug-Jargal como o exemplo do “negro puro” que, por esse facto, é generoso e nobre, por contraposição à maioria dos insurrectos de São Domingos em 1791, que são de sangue misturado e por isso degenerados e cruéis. É o próprio Bug-Jargal, aliás, quem chama monstro ao chefe rebelde Biassou e atribui a sua pretensa monstruosidade cultural ao facto de Biassou não ser um negro e sim um mestiço (HUGO, 1977, p. 208).

Ao conferir o estatuto de príncipe a Bug-Jargal, Victor Hugo, seguindo na linha da fusão herdereana dos conceitos de *raça* e de *nação*, parece, à primeira vista, reconhecer que os africanos se organizam em Estados, desde que estes sejam constituídos por homens de “raça pura” e não “misturados”. No entanto, na sua perspectiva, a capacidade dos africanos para se organizarem em Estado-nação é limitada, como se o escritor romântico quisesse antecipar-se ao darwinista social Georges Vacher de Lapouge (1854-1936), que consagraria o axioma segundo o qual os povos considerados não evoluídos não se constituíam em *nações*, mas “apenas” em *etnias*, do mesmo modo que seriam incapazes de partilhar a convicção colectiva de *nacionalidade*, mas “apenas” a de *etnicidade* (AMSELLE, 1999, p. 39-42). O sentimento de *nação*, entre os africanos, encontra-se já, para Victor Hugo, inquinado pela selvajaria congénita destes homens considerados não evoluídos. Tal selvajaria manifesta-se sempre que o negro tenta igualar-se ao branco, nomeadamente quando deseja a mulher deste último. Vê-lo-emos a propósito do amor que Bug-Jargal nutre por Marie, a filha de um colono, e do carácter doentio do sentimento de ciúme que incute no noivo desta, Léopold d’Auverney. A negrofilia de Victor Hugo é, portanto, mistófoba, pois repudia qualquer ideia de “mistura de raças”, encarando a miscigenação como uma fonte de degenerescências ou, em alternativa, como algo de inalcançável e de utópico, que mais não consegue senão servir uma estética meramente literária.

Quem é Bug-Jargal? Atentemos no seu próprio relato a Léopold d’Auverney:

“ [...] meu pai era rei na região de Kakongo. Fazia justiça aos seus súbditos à sua própria porta e, por cada juízo que emitia, bebia, segundo o uso dos reis, uma taça cheia de vinho de palmeira. Éramos felizes e poderosos. Chegaram os europeus; transmitiram-me estes conhecimentos fúteis que te impressionaram. O seu chefe era um capitão espanhol; prometeu a meu pai territórios mais vastos do que os seus, e mulheres brancas; meu pai seguiu-o com a sua

família... - Irmão, venderam-nos! [...] O senhor da região de Kakongo adquiriu um amo, e o seu filho curvou-se como escravo nas plantações de São Domingos. Separaram o jovem leão do seu velho pai para os domarem mais facilmente. – Apartaram a jovem esposa do seu esposo para deles tirarem proveito unindo-os a outros. – As crianças procuraram a mãe que as amamentara, o pai que as banhara nas torrentes; só depararam com tiranos bárbaros, e deitaram-se entre os cães! [...] Fui vendido a vários senhores como peça de gado. Lembras-te do suplício de Ogé? Nesse dia [25 de Fevereiro de 1791] reví o meu pai. Escuta: - estava na roda [do suplício]! [...] Minha mulher foi prostituída aos brancos. Escuta, irmão: ela morreu e pediu-me vingança. [...] Todos os meus me incitavam a libertá-los e a vingar-me. [...] Não podia fazê-lo, eu próprio estava nas prisões do teu tio. No dia em que obtiveste o meu perdão, parti para arrancar os meus filhos das mãos de um senhor sanguinário; cheguei. – Irmão, o último dos netos do rei de Kakongo acabava de expirar sob os maus-tratos de um branco! Os outros haviam-no precedido. [...] Os escravos revoltaram-se contra o seu amo e puniram-no pelo assassinio dos meus filhos. Elegeram-me seu chefe” (HUGO, 1977, p. 202-203).

Bug-Jargal é, portanto, em São Domingos, um negro *congo*, vindo de África, e não um negro *crioulo*, pois não nasceu em solo americano. No entanto, todos os escravos da ilha, mesmo os *crioulos*, o respeitam como a um rei. O próprio *sacatra* Biassou, que o atraioará, nunca deixará de o tratar por “alteza” (HUGO, 1977, p. 63-64). Bug-Jargal é, de facto, o filho de um rei africano que se torna escravo e, conseqüentemente - e mercê da sua origem aristocrática -, chefe de uma revolta de escravos na colónia francesa de São Domingos. O artifício do exotismo negrófilo, que aliás não é inédito em Victor Hugo, pois teve antecedentes noutros escritores franceses e ingleses dos séculos XVII e XVIII, não podia ser maior. Documentação coeva, nomeadamente a obra incontornável do abade Proyart, e estudos posteriores têm demonstrado

que a presença europeia na região de Cabinda – na qual se integrava o Estado do Kakongo - se destinou, entre o século XVI e o último quartel do século XIX, exclusivamente ao tráfico de escravos, e que os “conhecimentos” a que alude Bug-Jargal, transmitidos pelos europeus aos africanos, mais não redundaram senão no interesse pelo lucro comercial, o que originou a emergência de novas linhagens esclavagistas que partilharam o poder na região. O mais plausível seria, portanto, o pai de Bug-Jargal e o seu próprio filho, locupletando-se com os lucros destas transacções, colaborarem no tráfico de escravos com os europeus e não deixarem-se aprisionar por eles. Também nos custa a compreender como é que os captores de Bug-Jargal, operando no último quartel do século XVIII, são espanhóis, quando a hegemonia comercial exógena exercida sobre a região de Cabinda foi partilhada até ao século XIX por ingleses, franceses, holandeses e portugueses.

Descrito como um jovem negro de estatura colossal e dotado de uma força hercúlea – comandará os negros do Morne-Rouge deslocando-se livremente pela ilha com uma pluma cor de fogo a ondular-lhe na cabeça, sempre acompanhado de um cão, o fiel Rask -, o outrora príncipe Bug-Jargal tornara-se o escravo Pierrot, suportando humilhantemente, como uma canga, a variação onomástica francesa do Pedrolino italiano da *Commedia dell'Arte*, palhaço triste que nutre eternamente pela Columbina uma paixão não correspondida, sofrendo impotente com a ingratidão da amada, que o deixa pelo Arlequim. Normalmente representado com roupas largas e brancas, por vezes em parte pretas, cara branca e uma lágrima desenhada abaixo dos olhos, o Pierrot é sempre visto como um bobo, lunático, inconsciente da realidade, cuja personalidade é marcada por comportamentos ingénuos que são permanentemente alvo de partidas e de escárnio. Quem sabe a intenção de Victor Hugo, ao chamar Pierrot a Bug-Jargal, não tenha sido a de equiparar Léopold d'Auverney ao Arlequim e Marie à Columbina?

Bug-Jargal, aliás Pierrot, apaixonou-se por Marie, filha do seu amo e noiva de Léopold, e faz-lhe serenatas à noite, diante de um caramanchão nas margens de uma ribeira, oculto num pequeno bosque. O que canta Bug-Jargal a Marie? Reproduzamos excertos da tradução que do seu canto fez o brasileiro Castro Alves para a língua portuguesa:

“Ái! a tua voz é mais doce do que o canto / Das aves que no céu vibram as asas, /E que vem do horizonte lá da pátria. / **Da pátria onde [eu] era rei, onde [eu] era livre! / Rei e livre, Maria!** e esqueceria / Tudo por ti... esqueceria tudo / - A família, o dever, reino e vingança, / Sim, até a vingança!... / Ó Maria, pareces a palmeira/ Bela, esbelta, embalada pelas auras. / E te miras no olhar do teu amante/ Como a palmeira na água transparente. [...] Oh! treme, branca filha de Hispaniola, / Treme, breve talvez tenhas em torno / O uragã [furacão] e o deserto. Então, Maria, / Lamentarás o amor que hoje pudera / Te conduzir a mim, bem como o Kata / - Da salvação o pássaro ditoso - / Através das areias africanas / Guia o viajante lânguido à cisterna. / E por que enjeitas o meu amor? Escuta: / **Eu sou rei**, minha fronte se levanta / Sobre as fronte de todos. Ó Maria, / **Eu sei que és branca e eu negro**, mas precisa / O dia unir-se à noite feia, escura, / Para criar as tardes e as auroras, / Mais belas do que a luz, mais do que as trevas!” (ALVES, 1960, p. 248-249) [sublinhados nossos].

O etnocentrismo – ou racismo? – da crioula Marie, filha de franceses natural da ilha de Hispaniola (São Domingos), não lhe permite amar um negro que, mercê da cor da pele, é amaldiçoado por Deus e é um escravo, ainda que haja sido, em tempos, rei de um país africano. Marie não se interessa pelo Diferente, o negro Bug-Jargal, mas apenas pelo Semelhante, o seu primo Léopold, tão semelhante que até chega a ser comparado ao reflexo da própria Marie na água.

Do canto de Bug-Jargal, Léopold d’Auverney retém os adjetivos “rei”, “negro” e “escravo”, depreendendo este último, *a contrario sensu*, do verso “da pátria onde era rei, era livre”. São eles que lhe servem de ponto de partida para procurar identificar o cantor e seu rival na aspiração aos amores de Marie. Léopold interroga-se, pois, sobre se esse cantor é ou não um escravo com o qual se confrontou para defender a amada. Mas Léopold ainda está longe de saber que Bug-Jargal é o escravo Pierrot e também o salvador de Marie numa noite em que a jovem se viu atacada por um crocodilo. Victor Hugo antecipa aqui um estereótipo assaz utilizado em futuras ficções literárias, cinematográficas e de banda desenhada: o da intervenção abrupta e assustadora do sáurio venerado pelos africanos mas eleito monstruosidade pelos europeus, de cuja investida só um milagre providencial consegue salvar as potenciais vítimas. No exotismo iniciático de Victor Hugo, ainda eivado de um imaginário barroco, o dominador da hostilização da natureza em relação ao homem confunde-se com a própria natureza, pois é Bug-Jargal, um selvagem africano, ainda por cima rei, quem defronta o monstro do rio e o vence, salvando Marie, a filha de um colono.

Ao salvar Marie do crocodilo, o príncipe/escravo Bug-Jargal/Pierrot incute em Léopold d’Auverney um sentimento misto de admiração e ciúme. Léopold deseja, por um lado, encontrá-lo para o punir da insolência, mas por outro cede ao desejo da amada de tentar obter a liberdade do escravo que a salvou.

Sabendo que o casamento de Léopold e Marie está marcado para o dia 22 de Agosto, daí a três dias, e que esse dia vai ser o do levantamento dos escravos conjecturado uma semana antes em Bois-Caïman, o enigmático Pierrot, mostrando-se amigo dos noivos, aconselha-os a anteciparem o dia da boda. Mas, nessa mesma noite, o recém-casado Léopold d’Auverney, mercê do seu ofício de capitão de milícias, vê-se obrigado a juntar-se aos seus homens nos

postos de defesa do Acul, pois rebentou efectivamente a revolta dos escravos. Só na manhã do dia seguinte, depois de atravessar as plantações do tio, devastadas por um incêndio aterrador, é que Léopold regressa a Forte Galifet, onde dorme Marie, e surpreende uma multidão de negros, comparada a “um enxame de formigas tentando escalar a carapaça de uma grande tartaruga” (sic.) arremessando archotes incendiados e desfraldando vitoriosamente uma bandeira vermelha. Despeitado, vê o escravo Pierrot fugir do incêndio com Marie nos braços. Só no final do romance, depois de Marie lhe assegurar que Pierrot mais não pretendeu senão salvá-la, é que Léopold deixará de amaldiçoar aquele cuja verdadeira identidade é Bug-Jargal.

Introduz-se aqui, portanto, na literatura francesa um elemento de retórica colonial já estreado duzentos anos antes na literatura britânica, em *A Tempestade* (1610), de Shakespeare: o do rapto da mulher branca pelo selvagem e da tentativa de violação de que o europeu o acusa (BONNICI, 2000, p.57). Se Próspero acusa Caliban de haver tentado raptar e violar a sua filha Miranda (SHAKESPEARE, s.d., p. 26), o mesmo acontece com Léopold d’Auverney em relação a Bug-Jargal/Pierrot no que diz respeito a Marie. Este imaginário etnocêntrico, além de constituir uma legitimação lógica da “missão civilizadora” do colonizador num momento em que o seu domínio se encontra ameaçado ou mesmo extinto – Victor Hugo, nascido dois anos antes da proclamação de independência do Haïti, concebeu *Bug-Jargal* década e meia depois -, contribui para a evidenciação da mulher europeia em relação à africana e projecta igualmente as fantasias do homem europeu acerca da sexualidade “selvagem” do Outro (SHARPE, 1993, p. 1-15).

Ainda em convalescença, depois de cair enfermo após o incêndio de Forte Galifet, Léopold d’Auverney entra em delírio. Mesmo depois de haver escapado a Biassou graças à intervenção de Pierrot/Bug-Jargal – isto é, depois de o “negro puro” nobre e generoso ter salvado



o branco das garras do “mestiço impuro” plebeu e cruel -, Léopold d’Auverney persiste nas suspeitas sobre o seu salvador:

“Todas as minhas esperanças iludidas, o meu amor profanado, a minha amizade traída, o meu futuro perdido e, acima de tudo, o ciúme implacável, fizeram-me perder a razão. [...] Imaginava Marie em poder de outro amante, em poder de um dominador, de um escravo, de Pierrot! [...] Ansiava por ficar a sós com Pierrot. A sua perturbação quando o interroguei sobre a sorte de Marie e a ternura insolente com a qual ele ousava pronunciar o seu nome mais enraizaram os sentimentos de execração e de ciúme que germinavam no meu coração no momento em que o vi raptar, por entre as chamas do incêndio de Forte Galifet, aquela a quem ainda mal podia chamar minha esposa. Que me importavam, depois disso, as censuras generosas que, diante de mim, ele dirigira ao sanguinário Biassou, a sua preocupação com a minha vida, e mesmo essa sensação extraordinária que marcava todas as suas palavras e todos os seus actos? Que me importava esse mistério que parecia envolvê-lo; que o fazia aparecer vivo aos meus olhos quando eu julgava ter assistido à sua morte; que mo mostrava cativo dos brancos quando o vira submergir na Ribeira Grande; que transformava o escravo em alteza, o prisioneiro em libertador? De todas estas coisas incompreensíveis, a única que era clara para mim era o rapto de Marie, um ultraje a vingar, um crime a punir (HUGO, 1997, p. 95 e p. 194).

Como podemos verificar através do discurso de Léopold d’Auverney, o homem europeu procede à classificação do africano, considerando-o “Bom Selvagem” (diferença exótica positiva) caso este lhe seja submisso ou se mostre generoso para com o seu dominador, como o é, à partida, Bug-Jargal, ou “Mau Selvagem” (diferença exótica negativa) caso lhe seja adverso, como o é Biassou. Num caso ou noutro, porém, o selvagem confunde-se sempre com a natureza e o colonizador reserva-se, por isso, o direito de se apropriar da sua sexualidade (PINTO, 2013,

p. 142-143). Daí que o sentimento de ciúme que o homem branco nutre pelo homem negro, quando este se interessa pela mulher branca, chegue a sobrepor-se a uma representação exótica de sentido positivo – no caso em questão associada à generosidade, à magnanimidade e à condição de aristocrata - que o primeiro faz do segundo, a qual se revela rotundamente artificial. Por outras palavras: aos olhos de Léopold d’Auverney, Bug-Jargal deixa de ser um amigo e mesmo um príncipe – cuja credibilidade, aliás, era duvidosa – quando se apodera de Marie, uma mulher branca, passando (ou voltando) a partir desse momento a ser tão plebeu, tão perverso e tão “Mau Selvagem” como Biassou. Doravante, pelo facto de se atrever a amar uma europeia – ou, se preferirmos, a “misturar-se” – o africano deixa de ser reconhecido como um príncipe, que o mesmo é dizer que passa a ser um indivíduo considerado incapaz de organizar o seu povo em Estado-nação. Para o europeu, portanto, o africano é sempre “tribal” ou, eufemisticamente, “étnico”, o que legitimará o empreendimento colonial.

Para Léopold d’Auverney, a generosidade e a nobreza do príncipe africano Bug-Jargal só são definitivamente recuperadas quando este, depois de lhe “devolver” Marie – ainda virgem, sublinhe-se - e ao tentar salvar por meios pacíficos alguns dos seus homens aprisionados pelos franceses, se deixa morrer baleado pelos colonizadores.

### **O mulato teratológico Habibrah, antítese de Bug-Jargal**

Bug-Jargal, o príncipe da negrofilia, tem como antítese um *griffe*, ou seja, um indivíduo que se integra na categoria que se segue ao *sacatra*, de entre as 9 em que Moreau de Saint-Méry dividiu os mestiços das Antilhas e que, segundo a sua teoria, consiste no resultado de cinco combinações, podendo ter entre vinte e quatro e trinta e duas partes brancas e noventa e três ou cento e quatro negras. A própria palavra *griffe* (grifo), alusiva ao monstro mitológico com cabeça

de águia e garras de leão, já indicia, ao ser aplicada aos mestiços, que se a terminologia destinada e hierarquizar os tipos somáticos dos chamados “híbridos” é, entre os portugueses, preferencialmente zoomórfica – vejam-se os *mulatos* e os *cabritos* -, entre os franceses é tendencialmente teratológica.

A antítese de Bug-Jargal é um monstro, um anão, o *griffe* Habibrah, escravo de língua espanhola em tempos oferecido pelo governador da Jamaica, lorde Effingham, ao tio de Léopold d’Auverney. Este, que vivera muito tempo no Brasil antes de se fixar em São Domingos, adquirira, segundo o sobrinho, “hábitos medievais com os portugueses” (sic.), pelo que transformara em seu criado de quarto e em bobo da sua corte

“ [...] esse anão hediondo [...] largo, atarracado, barrigudo, [que] se movimentava com uma rapidez singular sobre duas pernas franzinas e esguias que, quando se sentava, se redobravam como os braços de uma aranha. A sua cabeça enorme, pesadamente enterrada entre as espáduas, coberta de uma carapinha ruiva e crespa, era acompanhada de duas orelhas tão largas que os seus camaradas costumavam dizer que Habibrah se servia delas para enxugar os olhos quando chorava. O seu rosto era sempre uma careta [*grimace*], e nunca era o mesmo; estranha mobilidade de traços, que ao menos tinha a vantagem de conferir diversidade à sua fealdade. [...] este saltimbanco disforme, [...], com as suas roupas ridículas sarapintadas de galões e cheias de guizos, só me inspirava desprezo” (HUGO, 1997, p. 39-40).

A disformidade e a permanente jovialidade de Habibrah faziam dele o favorito do amo e conferiam-lhe privilégios em relação aos outros escravos. A sua única incumbência era transportar um grande leque de penas de ave-do-paraíso atrás do tio de Léopold, aos pés do qual dormia e fazia as refeições, sobre uma esteira de junco. Se Biassou e os outros mestiços são monstros culturais e somáticos, Habibrah junta a essas a monstruosidade da estatura física.

Habibrah é a antítese de Bug-Jargal, desde logo, aos olhos do narrador, Léopold d'Auverney. Se o príncipe negro inspira a Léopold admiração mas também desconfiança e ciúme, em contrapartida o anão *griffe* incute no seu espírito, não apenas o sentimento de desprezo, mas sobretudo o de comiseração. Depois de, em consequência do massacre de Forte Galifet, encontrar a roupa ensanguentada de Habibrah ao lado do cadáver do seu tio, que jaz na cama com um punhal cravado no peito, Léopold convence-se de que os mesmos insurrectos que chacinaram os colonos reservaram sorte similar ao “pobre anão”, fazendo desaparecer o seu corpo. O jovem francês está longe de imaginar que Habibrah é um dos chefes da rebelião dos escravos, talvez o mais perverso de todos. O delírio de Léopold sobre a perversidade de Bug-Jargal, que julga ser o raptor de Marie, corre em paralelo com a presunção de idoneidade em relação a Habibrah, e ambos os equívocos deste narrador etnocêntrico só se desfazem no final do romance.

Habibrah também é a antítese de Bug-Jargal aos olhos dos escravos de São Domingos, sejam eles *crioulos* ou *congos*. Se Bug-Jargal é por eles respeitado como um rei, Habibrah é temido como feiticeiro:

“ [Habibrah] Jamais pediu piedade [para os escravos] aos senhores que infligiam maior número de castigos [aos escravos]; e um dia houve mesmo quem o ouvisse, julgando-se só com o meu tio, exortá-lo a redobrar a sua severidade para com os seus desafortunados camaradas. No entanto os outros escravos, que deveriam vê-lo com desconfiança e inveja, não pareciam odiá-lo. Ele inspirava-lhes uma espécie de temor respeitoso que em nada se assemelhava ao [sentimento] da amizade; e quando o viam passar por entre as suas cubatas com o seu grande barrete pontiagudo ornamentado de campainhas, no qual desenhara figuras bizarras a tinta vermelha, diziam entre si: *É um obi* [feiticeiro]” (HUGO, 1977, p. 40).

O feiticeiro (*obi*) embuçado dos homens de Biassou atrai Léopold a um subterrâneo que desemboca num abismo, de onde profetiza que só um dos dois sairá vivo. É então que retira o véu que lhe cobre o rosto e Léopold percebe, atônito, que o seu carrasco e o antigo bobo da plantação do Acul são a mesma pessoa. Habibrah confessa em tom sarcástico ao jovem francês ter sido o assassino do seu tio, aludindo ao desprezo a que a sua condição teratológica de anão e de mestiço o condenavam mais do que a qualquer outro escravo:

“ [...] Achas que, por ser mulato, anão e disforme, não sou um homem? Ah!, tenho uma alma, e uma alma mais profunda e mais forte do que aquela à qual vou entregar o teu corpo de menina. Fui oferecido ao teu tio como um brinquedo. Eu servia para satisfazer os seus prazeres e para entreter os seus desdêns. Dizes tu que ele me amava; eu tinha um lugar no seu coração; sim, entre a sua macaca e o seu papagaio” (HUGO, 1977, p. 221).

A sequência do diálogo entre Habibrah e Léopold vem reforçar o carácter hediondo da sede de vingança do mestiço perante o branco, muito superior, segundo o autor, à do “negro puro” – e, evidentemente, à própria alegada crueldade do branco -, uma vez que a monstruosidade de Habibrah – tal como, de resto, a de Biassou e a dos outros mestiços – se manifesta sobretudo pela sua perversidade para com os europeus:

“Não fales em atrocidade! - interrompeu Habibrah. - Pensa na crueldade do teu tio... / - Miserável! – repliquei indignado. - Se ele era cruel, era por tua causa! Lamentas a sorte dos infelizes escravos: mas então porque é que viravas contra os teus irmãos a confiança que a fraqueza do teu amo depositava em ti? Porque é que nunca tentaste fazê-lo [ao amo] vergar em seu [dos escravos] favor? / [replika Habibrah] - Muito me desgostaria! Eu impedir um branco de se manchar com uma atrocidade! Não! Não! Bem pelo contrário, **eu incitava-o a redobrar os maus-tratos para com os escravos, a fim de antecipar a hora da revolta, com vista a que o**

**excesso da opressão conduzisse, finalmente, à vingança! Parecendo prejudicar os meus irmãos, servia-os!”** (HUGO, 1977, p. 223) [sublinhados nossos].

Mas o príncipe negro e esteticamente belo e generoso, por ser “puro”, vai intervir a tempo de evitar que o escravo teratológico e, por ser “mestiço (*griffe*), cruel, leve por diante a vingança que reservava ao sobrinho do seu antigo amo. Quando os homens de Habibrah se preparavam para lançar Léopold d’Auverney para o terrível abismo, eis que surge inopinadamente Bug-Jargal com a sua pena vermelha na cabeça. Os negros que constituíam a guarda do feiticeiro anão, que outros não eram senão os homens do Morne-Rouge, não hesitam em prostrar-se diante do aristocrata cabindense e em obedecer à sua ordem de libertarem o prisioneiro francês. No entanto Habibrah, mais uma vez, consegue incutir neles o temor, ao vaticinar-lhes um chorrilho de desgraças caso prefiram obedecer ao príncipe e não a ele, o feiticeiro.

O leitor assiste então ao confronto entre os dois pólos antitéticos que são Bug-Jargal e Habibrah ou, por outras palavras, entre o negro e o mestiço, o gigante e o anão, ou ainda, se preferirmos, entre o belo e o monstro. E porque não entre o Bom Selvagem e o Mau Selvagem? Basta dar a palavra ao narrador europeu etnocêntrico para que percebamos qual dos dois, obedecendo às conveniências da cultura colonial emergente, sairá vencedor:

“Esta cena produzia em mim um efeito singular. Sendo **o único da minha espécie** [branco] dentro dessa caverna húmida e negra, rodeado daqueles negros que se assemelhavam a demónios, [...] sucessivamente ameaçado por esse anão hediondo, por esse feiticeiro disforme [Habibrah], [...] e protegido pelo grande negro [Bug-Jargal], que assomava do único lugar onde era possível ver o céu, sentia-me diante das Portas do Inferno, à espera da perda ou da salvação da minha alma, assistindo a uma luta renhida entre o meu anjo da guarda e o meu génio do mal. / Os negros pareciam aterrorizados com as imprecações do obi. Este quis tirar proveito da sua

indecisão e gritou: / - Quero que o branco morra. Vós obedecer-me-eis; ele morrerá. / Bug-Jargal replicou com dignidade: / - Ele viverá! Eu sou Bug-Jargal. Meu pai era rei em terras de Kakongo e fazia justiça à porta de casa. / Os negros prosternaram-se de novo” (HUGO, 1977, p. 227) [sublinhados nossos].

Na literatura de Victor Hugo, onde o narrador não hesita em socorrer-se da terminologia da teoria naturalista das “espécies”, o líder africano deseja, portanto, que o homem branco sobreviva para que, no futuro, possa ser por ele colonizado.

### **Referências bibliográficas**

- ALVES, Castro. *Obra Completa*, Organização de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Editora José de Aguiar, 1960, 906 p.
- AMSELLE, Jean-Loup. Ethnies et espaces: pour une anthropologie topologique, in Jean-Loup Amselle e Elikia M’Bokolo (sous la dir. de), *Au coeur de l’ethnie. Ethnies, tribalisme et État en Afrique*. Paris: La Découverte, 1999, p.11-48.
- AMSELLE, Jean-Loup e M’BOKOLO, Elikia (Dir. de). *Au coeur de l’ethnie. Ethnies, tribalisme et État en Afrique*. Paris: La Découverte, 1999, 226 p.
- BONNICI, Thomas. *O Pós-Colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2000, 305 p.
- BOUCHE, Denise. *Histoire de la colonisation française, tome 2, Flux et reflux (1815-1962)*. Paris: Fayard, 1991, 607 p.
- CÉSAIRE, Aimé. *Toussaint Louverture. La Révolution française et le problème colonial*, Pref. Charles-André Julien. Paris: Présence Africaine, 1981, 345 p.
- FOIX, Alain. *Toussaint Louverture*. Paris: Gallimard, 2007, 327 p.
- GRÉGOIRE, Henri. *De la Littérature des Nègres*. Paris: Chez Maradan Libraire, 1808, 285 p.
- HUGO, Victor. *Le dernier jour d’un condamné* Précedé de *Bug-Jargal*, Pref. Roger Borderie. Paris: Gallimard, 1977, 448 p.
- PINTO, Alberto Oliveira. *Representações Literárias Coloniais de Angola, dos Angolanos e das suas Culturas (1924-1939)*, Prefácio de Isabel Castro Henriques. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2013, 689 p.

PINTO, Alberto Oliveira. *Angola e as Retóricas Coloniais. Roupagens e Desvendamentos*, Prefácio de Ana Mafalda Leite. Lisboa: Mercado de Letras, 2012a, 333 p.

PINTO, Alberto Oliveira. *Cabinda e as Construções da sua história. 1783-1887*, Prefácio de Alfredo Margarido e Isabel Castro Henriques. Lisboa: Dinalivro, 2006, 306 p.

PLUCHON, Pierre. *Histoire de la colonisation française*, tome 1, *Le Premier Empire Colonial des origines à la restauration*. Paris: Fayard, 1991, 1114 p.

PROYART, Abade Liévin-Bonaventure. *Histoire de Loango, Kakongo et Autres Royaumes d'Afrique*. Paris/Lyon : C.P. Berton Libraire/N. Crapart Libraire, 1776, 391 p.

SHAKESPEARE, W. *A Tempestade*. Trad. João Grave. Porto: Lello & Irmão Editores, s.d., 151 p.

SHARPE, Jenny. *Allegories of Empire. The Figure of Woman in the Colonial Text*. Mineapolis & London: University of Minnesota Press, 1993, 190 p.